

1

Introdução

Para introduzir a pesquisa, nada mais honesto do que assumir a grande paixão pela literatura infantil e suas imagens, acreditando na potencialidade dos textos literários e nos diversos *mundos* a que podem nos levar. Para Monteiro Lobato, a quem se deve a data comemorativa da literatura infantil no Brasil (18 de abril), “um país se faz de homens” e de livros, aonde as “crianças possam morar”.

O estudo aponta para uma proposta metodológica de leitura de ilustrações em livros-ilustrados¹ infantis contemporâneos. Focaliza a potencialidade da linguagem visual e ressalva o papel da arte no ensino brasileiro.

Através de paralelos e congruências entre Design-Artes-Ilustração-Literatura será discutida a forma de ver a ilustração na literatura infantil. O que se quer realçar diz respeito a um olhar a partir de leitores não necessariamente *alfabetizados* pelos cânones formais da representação visual.

Esta tese será contextualizada no diálogo entre fantasia e realidade, leitura crítica e metafórica, palavra e imagem, autoria e leitura. Vista como uma das interseções possíveis entre o conjunto Design² e o conjunto Artes Visuais, a ilustração em livro infantil é uma espécie de interação, ora tendendo mais para um dos conjuntos, ora mais para o outro. Potencializa proposições novas de se pensar a visualidade no cotidiano, de se entender o pensamento estético como propulsor de mudanças, na medida em que o objeto livro na modalidade para crianças convive com seu público em muitos e diversificados espaços: sala de aula, rodas sociais das livrarias, leitura de casa.

A ilustração do livro de histórias infantil é complexa em sua natureza narrativa, ativa os elementos formais da

¹ “Livro-ilustrado” é o termo sugerido para traduzir *picture book*, surgido em *Critica, teoria e literatura infantil*, de Peter Hunt (2010). Neste livro, os textos verbal e visual são percebidos como linguagens congruentes. Portanto, as teorias se mesclam, teorias da linguagem verbal com teorias da linguagem visual, para se efetuar a análise de um livro-ilustrado, pois sua leitura é menos controlável do que a de um livro com ilustrações. Livros- ilustrados “podem ser lidos em três dimensões: linear, temporal e espacial” (HUNT, 2010, p.193).

² Cabe salientar que nesta tese adota-se grafar Design com letra maiúscula, quando o termo se referir ao âmbito de uma área de conhecimento, de uma teoria, de um campo de saber. Grafa-se design com letra minúscula, quando o termo estiver passando acepções que correspondam às ideias de projeto, projeto gráfico ou configuração estética e plástica. O mesmo procedimento se aplica ao termo Design Gráfico. Contudo, em citações, as iniciais dos termos respeitarão a grafia original do texto.

visualidade, fazendo-nos repensar o mundo, reler a realidade, recriar a fantasia, para inseri-la em um ambiente real do qual somos atores de transformação.

Uma diretriz para investigá-la, no presente estudo, escolhe entender a linguagem que se faz às margens do texto escrito e que a enriquece. Toma para si, analisar aspectos dessa tipologia de ilustração que, inserida no âmbito do Design, contém narrativa que traz também planejamento.

A intenção deste estudo é apresentar a possibilidade de *despertar* mediadores empenhados em meios de “destravar o olhar”, o que significa poder ler um livro-ilustrado para crianças com um sentido aprofundado (a partir de um prazer estético), valorizando as ilustrações e sua materialidade, privilegiando o discurso do texto visual e como este *toca* o leitor.

Desta forma, o ato de dialogar com uma ilustração será proveitoso se o diálogo envolver alguns de seus leitores, tais como mediadores, professores, pais e crianças em fase de alfabetização. A leitura de imagens se dá a partir da leitura atenta, que está referenciada em experiências de vida, histórias ouvidas, vistas, narradas; e pelo raciocínio lógico e imaginação.

Na contemporaneidade, o texto verbal por si não dá conta da complexidade de relações que se estabelecem com o objeto livro, que carrega materialidade, simbiose de linguagens, ilustrações, projeto gráfico etc. A vida contemporânea anuncia um sujeito multifacetado, que oscila entre todo e partes, sem nem sempre obter a escolha de alguma. Este indivíduo contemporâneo tem que dialogar ao mesmo tempo com todas as formas de ver, enxergar e ler. As informações lhe são dadas, muitas vezes, sem uma hierarquia, cabendo a ele eleger as linguagens que darão sentido a tal realidade em dado momento.

A palavra escrita no livro-ilustrado infantil transportará, por vezes, seu leitor para lugares inimagináveis, satisfazendo sua vontade de descobrir sobre determinado assunto e experiência de leitura. Outras vezes será a ilustração que subverterá o texto verbal, levando-o para outros caminhos de leitura, e potencializando escolhas sobre o discurso que o preencherá naquela leitura. Ainda haverá casos em que o papel, o formato, as letras, as imagens entremeadas de texto verbal formatado e ilustrações em diálogo farão a vez da experiência. Neste caso, o leitor perceberá a história por diversos ângulos, pontos de vista, facetas e, como um leitor contemporâneo, interessado pelos diversos olhares, terá múltiplas possíveis visões a respeito deste objeto livro que se encontra sob sua experimentação. Isto seria diferente se estivéssemos nos referindo a um livro didático, com argumentos predeterminados. Referimo-nos ao livro de

literatura que, por definição, pretende potencializar leituras múltiplas e pessoais.

Neste estudo, trataremos especificamente do trabalho de leitura de ilustrações, isto é, de uma predisposição a investigar a ilustração em livros-ilustrados infantis contemporâneos. Defende-se aqui que, se por um lado, seria preciso uma preparação prévia acerca da linguagem visual, para que um leitor se familiarizasse com o vocabulário gráfico, por outro, acredita-se que o ser humano está preparado para ler, a partir do momento em que, ao nomear as coisas, possui leitura sobre elas e pode, assim, conceituá-las, estabelecer relações e, portanto, vê-las, enxergá-las, investigá-las, criticá-las.

Estas duas leituras propõem estabelecer relações mútuas, é o que pretendemos discutir no presente estudo.

Conhecendo o trabalho

Objetivamente, para conseguirmos culminar a pesquisa em uma análise consistente sobre sete livros-ilustrados contemporâneos, premiados pelo governo brasileiro (entre 2000 e 2010), optamos por escolher o prêmio Jabuti, inscrito na Câmara Brasileira do Livro e, que existe desde 1950, para chancelar o material a ser analisado. Portanto, três ilustradores foram selecionados, pois, como veremos no quarto capítulo, o estilo gráfico passou a ser um dos critérios de análise, logo, seria preciso contemplar mais de um livro de cada ilustrador para fins comparativos.

Além do capítulo 1 ou Introdução, no segundo capítulo, procuramos conceituar ilustração como projeto gráfico, traçando um panorama sobre o livro-ilustrado infantil, relacionando suas linguagens. Para percebermos mais eficazmente as interações entre linguagens, optamos por apresentar uma abordagem conceitual, baseada em textos de Umberto Eco (2005, 2004, 2002), que levanta conceitos sobre leitores empíricos, obra aberta e universo de discurso, Roland Barthes (2002), por sua contribuição a respeito do prazer e fruição textuais, os meandros, fendas e dobras do texto e Bakhtin (1997), por seus conceitos sobre enunciado narrativo e interação entre objeto e sujeito, através do dialogismo.

No terceiro capítulo, inserimos exemplos sobre o livro contendo ilustrações no ocidente e algumas de suas particularidades que marcaram momentos do Design no livro e culminaram no livro de contos de fadas, considerado por muitos, o gênero iniciador de uma literatura dita como infantil ocidental. Jean (2002) nos esclarece acerca de períodos entre a escrita egípcia e as oficinas tipográficas; Horcades (2004) destrincha exemplos específicos sobre artistas e tipógrafos na Renascença; Gombrich (2007) discute

o papel da ilusão na arte e do contexto ao qual se destina; Argan (1992) nos traz luz sobre os períodos artísticos estudados.

O quarto capítulo discute acerca do livro-ilustrado infantil brasileiro. Embasados em autores como Ana Mae Barbosa (2010, 2009, 1997); Belmiro (2000); Luiz Paulo Moita Lopes & Roxane Rojo (2004); Ana Maria Machado (2001); e Marisa Lajolo & Regina Zilberman (2004), relacionamos o modernismo, artes e literatura com a afirmação de Penteado (1996) em *Os filhos de Lobato*: como uma geração de autores influenciados pela Obra de Monteiro Lobato, para a construção do que viria a ser um discurso recorrente na literatura infantil brasileira subsequente.

Devido à relação estreita entre literatura e artes, e por este estudo estar focado na ilustração na literatura como processo artístico e do Design, optamos por percorrer momentos tanto do ensino de artes no Brasil quanto do processo da difusão de uma literatura brasileira, que acreditamos relevantes para a pesquisa. Desta forma, a seguir serão traçados alguns paralelos entre as diferentes épocas brasileiras que demarcaram um olhar sobre as artes, o fazer artístico e, portanto, a potencialidade de uma leitura de imagens no contexto brasileiro.

Resolvemos desenvolver um capítulo cinco, com caráter metodológico que discutisse aspectos visuais a serem analisados em uma leitura de livro-ilustrado, desde descrições sintáticas sobre a linguagem visual de autores como Dondis (1997), Arnheim (2002) e Kepes (1995), a contrapontos com uma teoria interpretativa, a partir de autores como Lupton (2010), Bacelar (1998), Plínio Martins Filho (2003) e Peter Hunt (2010).

O capítulo seis apresenta uma discussão intersemiótica e interpessoal, e para isso, o conceito de tradução estética de Julio Plaza (2008). A abordagem conceitual se fortaleceu a partir de diálogos e exercícios realizados em curso de leitura de imagens, ministrado pela pesquisadora na Casa da Leitura, em setembro e outubro de 2010; também através do módulo Leitura de imagens da Pós em leituras e da oficina de Leitura de imagens para os o projeto *Agentes de Leitura*, ambos pela Cátedra UNESCO de Leitura PUC-Rio; de encontros informais com minha filha e uma oficina para crianças de seis a onze anos na ONG SBS/OPJ, em Laranjeiras no Rio de Janeiro. Estes eventos estiveram fundamentados também nos autores Peter Hunt (2010), Roland Barthes (2002), Martine Joly (2009), Jacques Aumont (2010), John Berger (1999), contrapondo uma leitura *idealizada*, discutindo seus meandros, vazios, prazeres e inferências pessoais.

O capítulo sete caracteriza-se por um exemplo de aplicação do método de leitura de ilustrações em livros. Analisamos, portanto, sete livros-ilustrados infantis

premiados na categoria Ilustração pelo Prêmio Jabuti, o mais antigo prêmio literário brasileiro. Dos sete livros, cada dois foram ilustrados por um ilustrador, sendo assim, em Ângela Lago: analisamos *João felizardo: o rei dos negócios* e *Um gato chamado Gatinho*; em Eva Furnari: *O circo da lua e Cacoete*; em Roger Mello: *Meninos do mangue, Carvoeirinhos*. Acrescentamos um caso especial, *Vizinho, vizinha*, tendo sido ilustrado por Roger Mello, Graça Lima e Mariana Massarani.

No apêndice, seguem as análises na íntegra.

Por fim, gostaríamos de convidá-los a fazer uma leitura com inferências pessoais, contextualizada e, mais do que isso, prazerosa.